

CEBs: AS MASSAS, UM DESAFIO PARA A IGREJA

Realizando simbolicamente os sonhos do Papa para o próximo milênio, na perspectiva do Ecumenismo e do Diálogo Inter-religioso, a celebração de encerramento do IX Encontro Intereclesial das CEBs reuniu, sob a presidência do arcebispo da Igreja de São Luís, bispos católicos e um bispo anglicano concelebrando, uma pastora lendo o Evangelho, uma mãe de santo incensando o altar, pajés de povos indígenas rezando. Evento de alto significado para a Igreja e a teologia!

As CEBs marcaram, nas três últimas décadas, o rosto da Igreja latino-americana. No Brasil, de modo especial, "esse novo jeito de ser Igreja", como fermento na massa, tem trazido vitalidade para toda a grande instituição eclesial. Apesar de alguns momentos de tensão e conflitos, normais em todo processo histórico, as CEBs são legitimadas pela hierarquia e contam com o reconhecimento e o apoio da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Longe de ser uma experiência paralela ou clandestina, afirmam-se sempre mais em sua plena eclesialidade.

O tema do IX Intereclesial, "CEBs e Massas", toca de perto o âmago de toda a Igreja. Se a Igreja é católica e missionária, pretende dilatar sua presença a toda a sociedade, a modo de sinal de salvação e arauto da Boa-Nova de Jesus e do Reino. As rápidas e crescentes mudanças sociais, como o acelerado e desequilibrado processo de urbanização, formando grandes massas urbanas, o desenraizamento cultural do nosso povo, a ascendência de uma cultura de massa, protagonizada pela mídia (especialmente o rádio e a televisão), o aumento do contingente das massas excluídas da produção e do consumo, a eclosão da religiosidade (pós) moderna, subjetivista, pluralista e limitada ao reino da necessidade, impulsionam alterações na ação evangelizadora. Os pastores, os agentes de pastoral e os teólogos estão superando um primeiro preconceito de buscar novos caminhos. Posto que se tenha procurado presença maior junto às massas por intermédio da multiplicação das rádios e canais de TV sob a influência direta da Igreja, da promoção de eventos religiosos para multidões em estádios e outras iniciativas do gênero, permanecem ainda perguntas pastorais fundamentais: que tipo de massa pretendemos atingir? que desejamos oferecer-lhe? com que meios?

A primeira pergunta remete-nos não somente a uma questão semântica, mas também a uma concepção de pastoral. A relação da Igreja com as massas, na sociedade contemporânea, deve compreender, ao menos, três âmbitos: o da massa dos católicos não-praticantes, o da presença pública da Igreja na sociedade e o da ação da Igreja com as massas excluídas. Mais próxima a si, a comunidade eclesial percebe, em primeiro lugar, o desafio de atingir, esporádica ou constantemente, a massa dos católicos não praticantes, marcados pelas intuições da religiosidade popular e de suas ramificações devocionais. O desenraizamento cultural das massas urbanas debilita muitas crenças, corrói convicções éticas e torna mais tênue a identidade católica da massa dos não-praticantes, deixando as pessoas presas fáceis de denominações neopentecostais e grupos religiosos não-cristãos.

A presença pública na sociedade alude à Igreja, suas instituições, seus serviços e sua imagem que "aparecem", deixam-se ver e ganham destaque nos diversos segmentos sociais e são veiculadas na mídia, especialmente na grande imprensa, nas rádios e TVs de grande audiência. Esse é um fato cruel da sociedade de massas: quem não aparece na mídia, é como se não existisse. Daí a ferrenha briga de grupos políticos e religiosos para conquistar concessões de rádio e TV, e garantir espaços de programas nesses meios. Presença pública aponta, sobretudo, para o influxo da Igreja nas grandes questões sociais, ecológicas, políticas e culturais. O que ela tem a dizer e como diz, de que forma sua palavra é acolhida pelos cientistas, pelos pensadores, pelos formadores de opinião.

Por fim, a ação com as massas compreende a ação social, a presença ética, humana e religiosa de grupos eclesiais e de cristãos individuais, em iniciativas diretas com a população que constitui a massa excluída na sociedade, visando a modificação de sua situação. Na ótica da opção preferencial pelos pobres, a Igreja no Brasil, nos últimos anos, tem tomado muitas iniciativas, como a pastoral da criança, do menor, da população de rua, da mulher marginalizada, dos encarcerados, da saúde e dos drogados. O "Grito dos Excluídos" deve também ser entendido na ótica desta opção.

Nos três âmbitos — ação evangelizadora junto aos católicos não-praticantes, presença pública na sociedade e compromisso com as massas excluídas —, a Igreja é chamada a se colocar como serva do Evangelho, continuadora da missão de Jesus, formadora de seres humanos "cidadãos do mundo e herdeiros do Reino definitivo". Na sua ação com as massas, a Igreja deve estar atenta para não sucumbir às tentações de algumas religiões da modernidade, como a mera adequação da mensagem do Evangelho às carências da subjetividade, a ideologia do sucesso, o expansionismo e o corporativismo, que colocam como decisivos o crescimento numérico da Igreja e a conquista dos espaços de poder. A ideologia do sucesso, versão degenerada do calvinismo e mola mestra de vários grupos pentecostais, coloca a religião como uma grande instituição para resolver os problemas pessoais de auto-estima, as crises financeiras, as questões de saúde física e mental e a realização afetiva e familiar. Promove-se a religião da necessidade, muitas vezes escondida em frases aparentemente inocentes, como "o sangue de Jesus tem poder", "grande corrente de oração para libertação

de todas as cadeias", "a poderosa força da fé", etc. Essa é a versão individualista de um messianismo intra-histórico, que corrói a tensão escatológica, esconde o permanente escândalo da cruz, e se coaduna com uma ação massificadora e alienante. Cultua o personalismo de figuras carismáticas com grande capacidade de mobilizar as massas, favorece relações autoritárias, e faz dos fiéis leigos meros consumidores de um produto religioso, de uma logomarca, cujo efeito desejado é o sucesso. Daí a intolerância e a resistência ao diálogo ecumênico e inter-religioso que caracteriza muitos grupos religiosos atuais. Com o concorrente não se dialoga. Está em jogo a luta para conquistar crescentes fatias do mercado.

O Encontro Intereclesial das CEBs ocasiona uma séria reflexão sobre a atuação da Igreja nas massas. Seguramente, as Comunidades de Base não oferecem uma receita pronta para superar esse desafio. Ao contrário, as CEBs encontram-se hoje num impasse de natureza mais complexa do que o de outros grupos da comunidade eclesial. Mas elas oferecem, por sua prática de três décadas, alguns princípios de ação que devem ser recordados e cultivados, a fim de que a Igreja se mantenha em fidelidade criativa ao Evangelho e aos sinais dos tempos.

As CEBs concretizam, a seu modo, muitas linhas programáticas de renovação da Igreja, propugnadas pelo Vaticano II. Ao incentivar a relação entre fé e vida e a atuação dos leigos pobres na transformação da sociedade, realizam o diálogo Igreja-Mundo, proposto pelo Concílio na "Gaudium et Spes". Ao compreender-se como povo de Deus em marcha, as CEBs encarnam de forma dinâmica a eclesiologia do Povo de Deus da "Lumen Gentium". Ao utilizar a metodologia dos Círculos Bíblicos, reinauguram, de uma forma ampla e popularizada, a leitura da Palavra de Deus em íntima relação com a existência, tal como era realizada na patrística. Vivenciam a concepção de revelação como movimento, corrente e fonte, constitutivamente plenificado em Jesus e na Escritura, mas hermeneuticamente aberto à história, conforme a "Dei Verbum". E promovem uma renovação na liturgia, em continuidade com as linhas da "Sacrosanctum Concilium".

As CEBs querem ser "uma nova forma de ser Igreja". Em meio à tensão produtiva com os pastores (e, às vezes, também desgastante e improdutiva), ensaiam, nas bases, estruturas participativas novas, por meio dos conselhos de comunidade e outras práticas comunitárias. A duras penas, mostram que é possível um modelo distinto da já desgastada estrutura paroquial. Estimulam os serviços de ministérios ordenados e não ordenados. Pedem do presbítero uma postura distinta, mais dialogal e menos autoritária. Mas a grande contribuição das CEBs é ensaiar a Igreja como rede de comunidades, e não como estrutura piramidal, centrada no clero.

As CEBs tematizam o ardor evangélico pela justiça e pela solidariedade, a partir de práticas efetivas nas quais os pobres são os protagonistas. O sangue dos mártires, leigos pobres, consagrados, padres e bispos, é o testemunho evidente, ao mesmo tempo silencioso e gritante, do custo de defender a vida, numa sociedade geradora de morte. As comunidades de base marcam, em muitos lugares, a superação do paternalismo, do colonialismo cultural e religioso, ao valorizar as culturas e etnias oprimidas, especialmente as indígenas e as afro-

americanas. No momento em que a Igreja, em várias partes do mundo, defronta-se seriamente com a tarefa da inculturação, a experiência e a reflexão das CEBs trazem elementos alentadores de experiências bem sucedidas.

Para a teologia latino-americana, as CEBs constituem um laboratório vivo de práticas cristãs e de espiritualidades. Nas comunidades, os teólogos encontram elementos que refontalizam a teologia e lhe abrem novas perspectivas. O serviço de assessoria à pastoral e o confronto com suas demandas concretas exigem deles flexibilidade e criatividade, para articular dois discursos e duas lógicas tão distintas e complementares: a da teologia acadêmica e a da ação pastoral.

A ação da Igreja com as massas, portanto, tem muito que aprender das CEBs: postura de diálogo com o mundo e as realidades mundanas, Igreja como rede de comunidades, novas e mais dinâmicas estruturas em vista de presença pastoral em ambientes diversificados, atenção à formação da cidadania, práticas efetivas de solidariedade com os empobrecidos e excluídos, leitura comunitária e aberta da Palavra de Deus, articulação da teologia com a pastoral, protagonismo dos leigos. Mas as CEBs, elas mesmas, estão diante de desafios imensos, que serão superados somente com algumas mudanças de paradigma. Os inúmeros desafios a serem enfrentados podem ser englobados em cinco grandes blocos: o da identidade, o da perspectiva, o da estrutura, o da linguagem e o do uso dos meios.

Na sua relação com as massas, as CEBs passam hoje por uma crise de **identidade**. Elas se autoproclamam as legítimas representantes dos pobres na Igreja, a base eclesial. Mas, no correr dos anos, as CEBs foram assumindo em muitos lugares a feição predominante de grupo de militantes, de minorias. Conforme a distinção de J. L. Segundo, as minorias são grupos sociologicamente reduzidos, que, em virtude de suas opções e condições estruturais, são capazes de sínteses mais custosas, complexas e elaboradas (cf. J. L. Segundo, *Massas e minoria*. São Paulo: Loyola, 1975). Geram a novidade. A massa, ao contrário, é sociologicamente majoritária e apresenta a tendência ao mais fácil, imediato e simples. Em termos evolucionários, e por analogia com a termodinâmica, dir-se-ia que as minorias representam a tendência da negaentropia, e as massas, a entropia. Mas há uma relação de interdependência entre elas, pois as minorias servem-se da energia barata das massas, para concentrarem-se em novas sínteses. E as massas só avançam quando assimilam, a seu modo, as conquistas das minorias.

Em termos intra-eclesiais, as massas são sobretudo a grande maioria dos católicos não-praticantes, que se movem no horizonte da religiosidade popular. Embora tenham sua origem em grupos populares provenientes dessa religiosidade, as lideranças das CEBs, que falam em nome delas e participam dos encontros intereclesiais, em nível local, regional e nacional, afirmam-se em oposição ao catolicismo popular. Contestam a religião da necessidade, a busca do maravilhoso e do milagre, o devocional, as curas, a pertença débil e generalizada, que caracteriza a religiosidade das massas. Enfatizam, ao contrário, a religião da adesão e do compromisso, a pertença concreta a um grupo primário, a reflexão e as ações concretas, que são características das minorias. A superação da

contradição entre a catolicidade da Igreja, sua largueza em considerar em seu seio membros descomprometidos, com frouxos laços de pertença, e a radicalidade do Evangelho que ela prega não são um desafio só para as CEBs. Para elas importa sobretudo, nesse momento, estabelecer uma nova relação com a massa de católicos, de forma que, ao menos, os católicos simpatizem com as CEBs e se sintam identificados com sua proposta, mesmo que dela não participem efetivamente. As minorias das CEBs superam sua tendência elitista e sectária na medida em que fazem uma síntese criadora entre a fé libertadora e tradição religiosa popular.

Do ponto de vista da **perspectiva**, as CEBs são o grupo eclesial que tematiza, de maneira mais clara e inconfundível, a opção preferencial pelos pobres. Em certo momento, os pobres, enquanto "agentes históricos" estavam sobretudo dentro das CEBs. Hoje há uma sensibilidade maior para as "massas sobranes", produto direto do sistema de mercado mundializado e excludente. Há então um deslocamento dos protagonistas, que estão fora das comunidades. Mas o discurso e a prática de solidariedade com os excluídos deve ir além de um certo idealismo e neopopulismo de esquerda. As CEBs ainda estão ressentindo a ausência de um projeto alternativo de nova sociedade. Fala-se hoje em "pensar globalmente e empreender ações locais com sucesso". Por isso, as CEBs necessitam ampliar seu horizonte e suas alianças, em vista de uma nova civilização planetária, ecológica e democrática.

Na sua relação com as massas na Igreja, as CEBs têm hoje à sua frente sérios **limites estruturais**. O sociólogo Pedro Ribeiro de Oliveira assim os caracteriza: "A CEB não está equipada para ser uma organização de massa como é a paróquia, cuja estrutura diversificada pode acolher a população católica, expandindo quase ilimitadamente seus grupos, associações, movimentos e capelas. Sua estrutura apresenta um baixo ponto de saturação: comporta certa diversidade, mas exige de seus grupos um grau de entrosamento quase impossível quando ultrapassa um certo número" (in *Convergência* n° 303 [1997] 287s). Daí ser necessário investir nos laços de identificação com os outros grupos católicos, inclusive os que apresentam uma visão de Igreja distinta da sua.

Se as CEBs querem, de fato, ser "fermento na massa", exige-se que suas lideranças mudem a lógica interna da **linguagem** predominante de seu discurso. Há aí uma questão sutil, elucidada pela ciência da comunicação. O discurso predominante das CEBs, tal como se percebe nos folhetos de cultos, nos caderninhos e cartilhas, nos roteiros de reflexão e de círculos bíblicos, segue a lógica da linguagem da conscientização. Apela para a razão, exige reflexão, faz pensar, estimula a decodificação da experiência. Partindo da narração, quer chegar à análise. Pretende convencer, de forma não autoritária, exercitando a capacidade crítica, analítica e sintética. Ora, essa lógica funciona bem com as minorias, mas não com as massas. No discurso para as massas, realizado de forma intuitiva e/ou profissional, predomina outra lógica interna, a da linguagem da sedução (cf. *Ciro Marcondes Filho [org.], A linguagem da sedução. A conquista das consciências pela fantasia. São Paulo, Perspectiva, 1988*). Tanto um programa de TV de domingo à tarde, quanto um comercial ou uma campanha de marketing seguem o mesmo trilha. Trabalham sobretudo com as emoções, o

intuitivo, o belo, o estético. Exploram a fantasia. Passam sensações e estimulam desejos, de uma maneira leve. Em vez de convencer, querem encantar. Não trabalham diretamente sobre as necessidades concretas, mas sobre a satisfação associada a elas. Esse tipo de linguagem é extremamente eficaz para as massas, mas não faz a consciência evoluir.

O grande desafio das CEBs, neste âmbito, consiste em integrar a lógica da linguagem da conscientização com a da sedução. Isso também vale, guardadas as devidas proporções, para toda a Igreja. Importa lembrar ainda, que o "encantamento", não é algo negativo, explorado de forma manipuladora pela mídia, a serviço do consumo. Ele está na raiz da própria experiência humana e da revelação. Quando o autor da Bíblia narra o relato da criação, comparando o paraíso ao "jardim das delícias", move-se nessa lógica. Parte dessa linguagem está presente também nos textos proféticos e sapienciais, e nas parábolas de Jesus. Elas são simultaneamente "encantadoras" e "conscientizadoras". Jesus mesmo seduz a multidão e os seus discípulos, pela sua forma de ser e de agir. E há hoje um movimento na modernidade que busca revalorizar e integrar "inteligência emocional" e "emoção inteligente".

Por fim, se as CEBs querem de fato atingir as massas, suas lideranças devem investir seriamente no **uso dos meios e na capacitação técnica**. As comunidades valorizam muito o trabalho pessoal de seus membros, o contato humano próximo, a formação de pequenos grupos, a contribuição de todos, o mutirão. São instrumentos "imediatos". Tudo isso tem imenso valor e dá a coloração típica das CEBs, na Igreja. Mas, na medida em que se visa atingir quem, geográfica e intencionalmente, está longe das comunidades, é necessário a utilização de recursos "mediáticos", como um complexo de áudio para atingir uma multidão ou os instrumentos de comunicação de uma rádio popular. Mais ainda, requer-se capacitação técnica, para utilizar a rádio ou publicar um jornalzinho. Existe ainda nas CEBs uma certa dificuldade em integrar algumas conquistas técnicas da modernidade e do seu saber, como se elas fossem, em si mesmas, contrárias ao povo.

No momento em que a Igreja prepara uma estratégia global de evangelização para a virada do milênio, é necessário e salutar aprender da caminhada das CEBs e, ao mesmo tempo, continuar com o apoio institucional necessário para que elas sejam, de maneira não exclusiva, uma nova forma de ser Igreja, a partir dos pobres e para os pobres. Nessa tarefa, a contribuição dos pastores, dos teólogos e teólogas é irrenunciável.